



Pesquisa Narrativa: interfaces teórico-metodológicas e (auto)formativas

Francisca dos Santos Teixeira – UFPI*
Prof^a Dr^a Antonia Edna Brito- Orientadora

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa, bem como as implicações desse modelo epistemológico na definição das práticas de formação / autoformação docente. Nesse propósito, ratificamos que este estudo decorre de um levantamento bibliográfico, com vista à consecução e a análise de conteúdos significativos ao entendimento da temática em foco. Para tanto, o presente trabalho apóia-se em autores como Nóvoa (1988), Nóvoa e Finger (1988), Brandão (2008), Souza (2003,2006,2008), Josso (2002), Pineau (1999) e Pazos (2002) e Frago (2005), entre outros pesquisadores que, de forma coerente e profunda, tratam das diferentes tipificações teórico-metodológicas da narrativa, destacando as possibilidades de aproveitamento desse processo epistemológico para a compreensão dos conhecimentos e aprendizagens (auto)biográficas, numa dimensão valorativa da autonomia e criatividade humana. Portanto, no decorrer deste estudo, a narrativa é vista como um dos caminhos mais significativos à descoberta das (inter)subjetividades que interferem na concretização dos atos educativos, acentuando o papel da crítica, da reflexão e da memória na delineação de perfis docentes, autênticos comprometidos com os princípios de (auto)gestão das práticas de desenvolvimento cotidiano. Através da técnica de análise de conteúdo, observamos que a pesquisa narrativa se distingue

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Piauí; especialista em Metodologia do Ensino e mestranda em Educação na Universidade Federal do Piauí.



como instrumento que permite ao sujeito narrar-se e formar-se, narrando suas próprias vivências e experiências profissionais.

Palavras-chave: Pesquisa narrativa. Aspectos teórico-metodológicos. Formação / (auto)formação docente.

Narrative Research: methodological and theoretical interfaces (auto) training

Abstract: *The aim of this paper is to analyze the theoretical and methodological aspects of narrative research and the epistemological implications of this model in defining the practices of training and self-formation teacher. In this regard, we confirm that this study derives from a literature review, to have in view to achieve and analysis of meaningful contents to the understanding of the subject in focus. Thus, this paper draws on authors as Nóvoa (1988), Nóvoa e Finger (1988), Brandão (2008), Souza (2003,2006,2008), Josso (2002), Pineau (1999) e Pazos (2002) e Frago (2005), and other researchers Who, in a in a coherent and profound way, dealing of the different theoretical and methodological typified on the narrative, highlighting the possibilities of using this epistemological process to the understanding of learning and skills (self)biographical, in a valuation*



dimension of autonomy and human imagination. Therefore, during this study, the narrative is seen as one of the most significant ways to the discovery of (inter) subjectivities that interfere in the implementation of educational actions, highlighting the role of critical reflection and memory in the delineation of the authentic, teacher profiles committed with the principles of professional and personal (self)management. Through the technique of content analysis, we found that narrative research is distinguished as a tool that allows the individual narrative and form are narrating their own experiences and professional experiences.

Keywords: *Narrative Research. Theoretical and methodological aspects. Formation / (self) formation*

1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

Construímos o mundo em que vivemos durante as nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói ao longo dessa viagem comum. (MATURANA; VARELA, 2004, p.9-10)

O fragmento em epígrafe destaca as experiências e aprendizagens que construímos ao longo de nossas vidas e suas implicações sobre a nossa maneira de ser e fazer a realidade educacional.

É pertinente, pois, expressar que aquilo que narramos sob a forma de relatos, memoriais, diários ou outros constructos narrativos ratificam nossa historicidade e capacidade de (auto)gestar o processo de formação/autoformação, o qual desenvolvemos ao longo das nossas práticas pedagógicas. Nessa viagem constante, buscamos a autodescoberta, na condição de atores-autores do mundo que ajudamos a construir, autênticos protagonistas de uma história valorativa da



subjetividade e das dinâmicas impulsionadoras do desenvolvimento socioeducacional.

Frente a isso, então, estabelecemos por iniciativa epistemológica, neste trabalho, analisar a seguinte questão-problema: **Como a pesquisa narrativa se constitui teórica e metodologicamente e de que modo ela implica os aspectos específicos da formação/autoformação docente?** Assumimos esta posição investigativa em virtude da preocupação que temos com as peculiaridades subjetivas e interrelacionais do desenvolvimento profissional nas instâncias da educação.

Nessa dimensão de compreensão epistemológica, objetivamos analisar os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa narrativa, bem como as implicações desse modelo epistemológico na definição das práticas de formação / autoformação docente, considerando que, assim, estamos dando um passo significativo para a superação da visão mecanicista de interpretação dos fenômenos educacionais, notadamente no que concerne às questões da formação e do desenvolvimento profissional docente.

Hoje, torna-se cada vez mais evidente que precisamos compreender melhor esse modelo de investigação qualitativa, que procura valorizar as diferentes formas de expressão docente e as iniciativas de autoformação, no propósito de desvencilhar as estruturas intersubjetivas e as capacidades de o professor se questionar, problematizando as próprias experiências vividas.

No estudo em pauta, atentamos para a pesquisa narrativa e suas singularidades como fenômeno de investigação e recurso metodológico de análise das diferentes dimensões da profissão docente. Assim, intentamos compreender, através das narrativas orais ou escritas, as atitudes que o professor toma para modificar as suas práticas educacionais.

Nesse sentido, temos consciência de que essa temática torna-se instigante para nós, porque nos possibilita conhecer mais essa realidade, ajudando-nos a desvelar os contrastes, os limites e as possibilidades de interferência do professor na construção de seu processo de formação e desenvolvimento pessoal e profissional docente.

Diante disso, consideramos que a análise desse assunto torna-se muito oportuna e se constitui numa via de problematização plausível dos diversos embates e discussões que, durante muito tempo, vêm se cristalizando em torno da validade científica da pesquisa narrativa como base de investigação dos fenômenos sociais. Isso se torna importante porque, historicamente, têm



predominado concepções epistemológicas positivistas totalmente descrentes das potencialidades subjetivas no que se refere à construção dos espaços individuais e coletivos da atuação humana.

Para contemplar a proposta mencionada, ratificamos a implementação da pesquisa em pauta, decorrente de um levantamento bibliográfico, apoiado em autores como Nóvoa (1988), Brandão (2008), Dominicé (1988), Souza (2006), Josso (2002), Pineau (1988; 1999), Pazos (2002) e Frago (2002), os quais discutem a abordagem biográfica ou narrativa de formação num plano analítico de diversas vertentes teórico-metodológicas alusivas ao campo da formação humana nas esferas da educação.

Com a efetivação deste estudo, temos a intenção de poder contribuir para alargar os horizontes epistemológicos daqueles que buscam compreender melhor os espaços constituintes e funcionais da pesquisa narrativa e que lutam pela valorização contínua da pessoa humana na delineação dos atos de aprendizagem pessoal e profissional.

Dizemos mesmo que um trabalho desta natureza tende a estimular, nas esferas da educação, os processos de (auto)análise profissional, o que pode proporcionar a (re)criação de novas bases interpretativas para o entendimento das atitudes de formação/autoformação nos diversos setores do ensino e da aprendizagem recorrentes nos espaços educacionais.

Assim, cristalizamos o presente artigo organizado em quatro partes: a primeira corresponde às notas introdutórias, espaço em que delimitamos o problema de pesquisa e expomos o objetivo central do estudo, justificando-o no emergente contexto socioeducacional; a segunda parte traz o referencial teórico como parte de uma literatura ampla, abrangente dos aspectos tematizados; a terceira reúne as notas conclusivas, e a quarta expõe as referências bibliográficas embasantes da pesquisa realizada.

2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E (AUTO)FORMATIVOS DA PESQUISA NARRATIVA: ALGUMAS ANÁLISES

2.1 Implicações da reflexão e da memória na pesquisa narrativa

A pesquisa narrativa tem como foco a valorização das histórias de vida, dos relatos autobiográficos, orais ou escritos, reconhecendo o sujeito como produtor de conhecimentos, a partir de suas experiências de vida, as quais contribuem



para sua formação e (auto)formação.

No intuito de discutir sobre os aspectos teórico-metodológicos dessa abordagem epistemológica, enfatizamos a formação e autoformação docente, ressaltamos as implicações da memória e da reflexão nesse processo, e compreendendo-a como partes importantes significativas na constituição das narrativas.

Nesse sentido, recordar, relembrar, trazer à memória, torna-se um processo significativo às narrativas biográficas, configurando que, nesse caso, as lembranças são evocadas e o narrador dá sentido as suas experiências de vida e revela o que lhe é significativo, valorizando a subjetividade, como instância fomentadora do conhecimento e aprendizagem pessoal e coletiva.

Brandão (2008, p. 20), por exemplo, afirma que “[...]memória(s), tanto no singular como no plural, refere-se à faculdade de lembrar e de considerar o passado e, também aos relatos que descrevem esse passado (re)vivido”. Isso pressupõe um narrador crítico, consciente de seus percursos de formação e de suas capacidades de interferir no seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Desvelando as dimensões da memória, o narrador revela suas lembranças, histórias e experiências pessoais, utilizando-se de uma linguagem própria e reflexiva, que lhe permite compreender, (re)organizar e (re)significar sua trajetória de vida, reinventado-se a si mesmo em busca de construir sua própria identidade; é o que expressa Brandão (2008), quando afirma que:

[...] a partir da memória autobiográfica nas histórias narradas, e muitas vezes escritas, podemos, usando a linguagem, refletir, compreender, reorganizar e ressignificar essas trajetórias e projetos de vida-trabalho, nossas e de outros, articulando as memórias individuais e coletivas, dando-lhes um sentido-significado. (p. 15).

Com essa afirmação, a autora enfatiza a relevância da memória, nos seus diferentes tipos: individuais, coletivos e históricos, num processo de valorização das experiências pessoais significativas à elaboração dos sentidos da vida.

Torna-se, portanto, conveniente valorizar o professor com suas histórias, sua cultura, peculiaridades narrativas, vozes e modos de interpretar a realidade. Assim, estamos considerando o sujeito como o protagonista de sua história, uma história singular, repleta de espontaneidade, individuação e sabedoria própria.



Nesse sentido, é primordial transformar as memórias em histórias, valorizando as fontes orais, dada a capacidade que têm de expressar a (inter)subjetividade humana. Tudo isso contribui para justificar os fundamentos historiográficos da História Nova, a qual reconhece o valor das fontes orais, como alternativa pertinente de construção da narratividade humana e para a expressão da narratividade humana.

Há de se convir que a valorização da História Oral expandiu-se no campo educacional, através do fortalecimento da pesquisa narrativa que passa a considerar relevantes os depoimentos, os relatos e as histórias dos sujeitos nos seus constructos de formação individual e social.

Nesse ínterim, introduz-se uma metodologia específica no tratamento das narrativas orais, instância em que há toda uma preocupação por parte do investigador em captar o máximo de experiências pessoais por meio dos relatos narrados. A esse respeito, bem diz Brandão (2008):

[...] No caso dos trabalhos acadêmicos que utilizam a história de vida e as narrativas autobiográficas como instrumento de pesquisa, o pesquisador vai ouvir, anotar ou gravar, transcrever, interpretar, e procurar um sentido na narrativa, não só no que o narrador fez. O pesquisador tentará captar, a memória do "outro" no dito e no não dito, no registro de uma emoção partilhada no encontro impossível, muitas vezes, de ser expressa. (p. 56).

Como percebemos, na citação expressa, a autora chama a atenção para o processo de evocação da memória e capacidades que o narrador tem de ocultar, silenciar ou revelar o que lhe é significativo, selecionando as experiências que pretende compartilhar com os seus leitores, os seus ouvintes, enfim, para o modo como narra suas lembranças, buscando sentido para histórias narradas.

Para Souza e Fornari (2008, p 119), narrar "[...] é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos sentidos, e para a qual damos um significado. Garimpamos na memória, consciente ou inconsciente, o que deve ser dito e o que deve ser calado". Diante de tal afirmativa, percebemos que o narrador seleciona e faz uso da memória para construir a sua narrativa, a qual sendo oral ou escrita, implica práticas subjetivas e intersubjetivas do processo de formação, o que exige a construção da relação dialética as experiências passadas



e as perspectivas futuras, num processo reflexivo sobre o percurso formativo e os sentidos construídos para a consolidação dessa formação.

O processo de constituição das narrativas revela-se a partir da reflexão sobre o que escrever, o que relatar, porque e para quem se escreve. Assim, direcionamos o foco desse estudo para constructos docentes narrados, contemplando o professor na sua própria história profissional, recriando e reproduzindo as experiências que lhes foram significativas na definição da sua historicidade docente.

Essas concepções são enriquecidas no âmbito de um processo reflexivo maior que considera a abordagem biográfica, especificamente as histórias de vida, como um processo de reflexão dos sujeitos sobre os percursos de desenvolvimento social. Nessa dimensão, o sujeito em formação, busca uma razão para a efetivação de seus atos, numa dimensão autônoma e reflexiva; tais posições críticas são reforçadas em Nóvoa (1988), quando trata da abordagem biográfica ou de formação, afirmando que:

[...] esta reforça o princípio segundo o qual é sempre a própria pessoa que se forma e forma-se na medida em que elabora uma compreensão sobre o seu percurso de vida; a implicação do sujeito no seu próprio processo de formação torna-se assim inevitável. Deste modo, a abordagem biográfica deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, através da apropriação retrospectiva do seu percurso de vida. (p.117).

A seguinte citação reporta-se ao princípio de que a reflexão sobre o percurso de vida contribui para o processo de formação e (auto)formação do sujeito, ajudando-o no reconhecimento de suas potencialidades enquanto agente de seu processo de formação construída ao longo de seu projeto experiencial de vida.

Portanto, procuramos entender, através desta discussão, as implicações da memória e da reflexão na pesquisa narrativa, compreendendo que, a partir da evocação das mesmas, os sujeitos fazem uma retrospectiva do seu percurso de formação, dando significado às suas experiências de vida, enquanto agentes de seus processos de autoconstituição pessoal e profissional.

Assim, no encontro com suas próprias experiências, os sujeitos encontram a



si mesmos, resgatam suas memórias e se descobrem como seres singulares na construção de suas histórias pessoais e coletivas, tornando-se verdadeiros agentes de transformação das realidades socioculturais em que se inserem. Desse modo, torna-se possível dimensionar os sentidos e o valor das reflexões humanas nos processos de construção das aprendizagens autorreferentes nas práticas de desenvolvimento pessoal.

2.2 - Narrativas docentes: especificidades metodológicas de investigação/(auto)formação

Trabalhar com a pesquisa narrativa no campo educacional gera oportunidades de se estabelecer um movimento de análise teórico-metodológica sobre as diversas formas de elaboração dos constructos narrados e suas implicações enquanto método, técnica ou instrumento de investigação/(auto)formação docente.

Isso porque pesquisadores educacionais renomados tais como Josso (2002), Souza (2006a; 2006b), Pineau (1999), dentre outros estudiosos ratificam as narrativas biográficas de formação não apenas como técnica de pesquisa, mas também como um método insólito de constatação científica das realidades sociais.

E, assim, apoiando-nos, nesse viés de interpretação epistemológica, constatamos a dupla função das narrativas (auto)biográficas: investigar e formar, uma vez que se constituem contributo tanto para o desvelamento dos conhecimentos experienciais da profissão quanto para o reconhecimento dos sujeitos como autores de seus próprios processos de formação pessoal e socioeducacional.

Souza (2006b, p. 135), por exemplo, afirma que “[...] utiliza as terminologias: narrativas (auto)biográficas ou narrativas de formação, inspirando-se em Josso (2002)”, por entender, assim como ela, que essas expressões carregam toda uma conotação semântica capaz de relacionar o entendimento das histórias docentes às dimensões de formação e desenvolvimento profissional.

Há de se convir, portanto, que a abordagem narrativa ou método biográfico como movimento de investigação/formação vem sendo usado seja na formação inicial ou continuada de professores, seja como processo de (auto)formação – espaço em que os sujeitos buscam (re)elaborar e ressignificar as estruturas formativas valendo-se da autonomia e de criatividade, numa atitude contínua de



valorização da subjetividade, da memória e das experiências pessoais e profissionais.

Nesse sentido, Souza (2006^a, p. 14), esclarece que a “[...] escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de autoescuta como se estivesse contando para si próprio suas experiências que construiu, através do conhecimento de si”. Assim, a escrita ou a escuta da narrativa potencializa o encontro do sujeito consigo mesmo, visto que lhe permite mergulhar em sua interioridade, numa busca contínua e reflexiva de suas capacidades (auto)formativas.

Convém mencionar que, no âmbito de sistematização metodológica das narrativas, existe uma diversidade de formas, conceitos e possibilidades de uso dessas variações como instrumento de investigação/formação. É o que se confirma tomando como referência, as obras de Pineau (1988,1999), Souza (2006b), Pazos (2002) e Frago (2002), os quais abordam, com proficiência, as diferenciações terminológicas narrativas e suas entradas nos espaços socioeducacionais.

Mercedes Pazos (2002), por exemplo, ratifica que há uma diversidade de termos e de interpretações teórico-metodológicas definindo a pesquisa narrativa nas instâncias de formação, tais como: [...] estudos narrativos, métodos de experiência personal, métodos biográficos, experiencias de vida, historias y relatos de vida, historia oral, historias y narrativas personales, autoetnografia [...] (op. cit., p. 111).

Isso mostra, realmente, que não há de fato um entendimento único de interpretação para se definir pesquisa narrativa. O que existe mesmo é uma grande variedade de terminologias que acaba refletindo diferentes posições teóricas, variáveis, em níveis de elaboração e profundidade temática

E, para confirmar ainda mais essa multiplicidade de interpretações, no campo da pesquisa narrativa, expomos a taxionomia terminológica apresentada por Viñao Frago (2002), em **Relatos y Relaciones Autobiográficas de Profesores y Maestros**, texto em que o autor denomina, com detalhe, as principais modalidades e fontes narrativas autobiográficas, a saber:

[...] a) Autobiografias y memorias em sentido stricto; b) Entrevistas autobiográficas; c) Diarios; d) Agendas; e) Correspondencia; f) Hojas de méritos y servicios; g) Textos gerados a partir de la demanda efectuada em una encuesta específica; h) Experiências y quehacer em el



aula o centro docente y referencias a la realidad escolar vivida; i) Escritos sobre cuestiones educativas em los que el elemento autobiográfico desempeña um papel relevante; j) Textos, de índole personal, relativos a la gestión de instituciones docentes; k) Archivos autobiográficos [...]. (2002, p.144).

Com essas especificações metodológicas, percebemos que há uma variedade de estilos e tipos narrativos e, portanto, como expressa Frago (2002), uma dificuldade de classificá-los e diferenciá-los em função das terminologias adotadas e dos contextos de produção e finalidades, a que se propõem.

No entanto, no âmbito da análise metodológica da pesquisa narrativa, tem-se confirmado, na literatura específica, a proeminência das terminologias autobiografias e biografias educativas, em função de serem fontes representativas das subjetividades humanas; pois, de acordo com Genovesi (2002), esses constructos narrativos comportam-se como categoria heurística de base subjetiva e experimental, e, dessa forma, contribuem para o fortalecimento da própria abordagem narrativa das diferentes áreas das ciências humanas e, em especial, no que concerne à educação.

Assim, são postos em evidência as biografias, as autobiografias, os relatos e os depoimentos, num espaço de diferenciação semântica-estrutural trabalhado por autores como Pineau (1999), Nóvoa (1988) e Lang (1996), os quais estabelecem, para essas tipificações metodológicas, conotações diferentes em termos de sentido e aplicação social concreta.

Pineau (1999) coloca em relevância essas terminologias, em virtude de potencializarem representações e apropriações pessoais diversas nos vários contextos de construção das histórias e das experiências humanas, notadamente nas esferas da educação. Nesse sentido, ele diz que há diferença entre biografia e autobiografia, sendo “[...] biografia a escrita da vida do outro, e, autobiografia, a escrita da própria vida”. (p. 343).

Assim, Pineau (1999) ressalta, na última definição apresentada, o sujeito como um ser que se (re)diemensina e se (auto)reconhece na *praxis* cotidiana de ator e de autor de suas experiências, sem uma mediação impositiva de ideologias alienantes.

No entanto, alertam os estudiosos desse assunto que essa autonomia do sujeito em formação não deve ser confundida com autossuficiência, ou



isolamento pessoal. Faz-se necessário mesmo conceber tudo isso numa dimensão contextual abrangente dos aspectos pessoal e coletivo, a fim de que se evitem posições individualistas na concretização dos atos formativos ocorrentes nas esferas da educação.

Quem também se refere ao método (auto)biográfico é Nóvoa (1988), quando discorre sobre a importância de haver nas esferas da formação humana uma autonomia completa do sujeito, pois, para esse autor, “[...] ninguém forma ninguém e a formação é individualmente um trabalho de reflexão contínua sobre os percursos da vida”. (p. 116).

As posições críticas de Nóvoa (1988) mostram uma forte preocupação com a delimitação de uma formação consciente, valorativa da própria subjetividade diante das múltiplas possibilidades metodológicas que o sujeito tem de desenvolver suas práticas pessoais nos itinerários profissionais cotidianos.

Outros teóricos como Lang (1996) fazem diferença entre história oral de vida e relato oral de vida, configurando o primeiro tipo como narrativa da totalidade da vida de uma pessoa através do tempo, e o segundo, como recorte da história de vida do autor sobre uma temática específica estudada. Discorre ainda sobre tradição oral e depoimentos, relacionando a primeira forma às manifestações folclóricas do passado e à transmissão destas às futuras gerações; enquanto que os depoimentos orais são caracterizados por essa autora como aspectos factuais da vida pessoal em situações específicas.

Ao falar das variantes terminológicas da narrativa, Queiroz (1998), explicita que a história de vida insere-se no campo da história oral e difere-se do depoimento, principalmente, por ser orientado por elementos externos como o próprio investigador; enquanto que, na história oral, sujeito enunciativo do discurso é autônomo e espontâneo, distante da influência de fatores alheios à sua consciência e contexto de atuação pessoal. Afirmo ainda que, no que se refere a concepção de história oral, embora o pesquisador participe na construção dos dados narrados, ele não se faz superior ao relatante que continua sendo autônomo.

Nessa perspectiva de narrativas de formação, são elencados, na literatura pertinente, alguns recursos e técnicas mais comuns no processo de investigação e produção de dados; assim, podemos tomar mão, nesse ínterim, da aplicação de entrevistas com gravação e conteúdo e transcrição dos mesmos, procedendo-se, posteriormente, também à análise de suas informações que serão necessárias para a construção de documentos comprobatórios dos resultados encontrados.

Portanto, a utilização de cada espécie ou forma narrativa deve obedecer



sempre às questões de conveniência ou pertinência epistemológica e ser visualizada no seu contexto de produção. Isso mostra que toda essa teia de métodos, técnicas ou instrumentos pode ser usada como procedimento adequado de investigação nas esferas educacionais, devendo a escolha de cada tipo ou constructo narrativo submeter-se à natureza do aspecto da pesquisa, considerando-se aí as peculiaridades temáticas, os sujeitos interlocutores e, principalmente, os objetivos e a vinculação social do problema de investigação.

Entendemos, por conseguinte, que todos esses estilos ou modelos narrativos constituem na verdade, diferentes especificações da narratividade humana; nisso ratificamos os argumentos de Connelly e Clandinin (1995), os quais dão absoluta relevância às potencialidades pessoais de contar histórias e experiências vivenciadas nas dimensões individual e coletiva de atuação cotidiana.

Assim, o estudo da narrativa nas suas diferentes formas, possibilita ao sujeito em formação o encontro com suas vivências, num processo de (re)construção de experiências pessoais, que dão margem ao desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva frente aos fatos e atitudes concretizados no itinerário de desenvolvimento pessoal-profissional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao estudo realizado, fica evidente que as narrativas são consideradas, no espaço da Pesquisa Social, um autêntico fenômeno representativo das intersubjetividades e interrelações humanas, e, ainda, uma coerente abordagem de investigação/formação nas esferas da educação, uma vez que permite estabelecer analogias entre os conhecimentos e as experiências construídas ao longo dos percursos pessoal e profissional de atuação docente.

Assim, percebemos que muitos pesquisadores da atualidade têm lutado acintosamente pela valorização da pesquisa narrativa (auto)biográfica no espaço da formação docente, como forma de se romper com os processos mecânico-positivistas que vêm imperando, historicamente, como concepção investigativa nas esferas da educação.

Com isso, novas concepções investigativas estão sendo implementadas nas esferas da educação, abrindo espaço para um enfoque formativo mais dinâmico, autêntico e renovado – a (auto)formação, uma instância de aprendizagem em que se evidenciam as singularidades, os saberes e as experiências (inter)pessoais inerentes aos processos de formação.



Nessa dimensão, professores se apropriam dos saberes de que são portadores e os trabalham do ponto de vista teórico e prático, podendo-se dessa forma, dizer que trilhar os caminhos da narrativa (auto)biográfica significa buscar um (auto)reconhecimento como agente de transformação pessoal e social, numa forma de valorizar, nas instâncias prático-formativas o papel insólito-inegável da autonomia, da experiência e da imaginação criadora do homem.

Nesse universo de reflexões, reconhecemos a importância de se pensar a relação que envolve as metodologias de aprendizagem e a formação/ (auto)formação, estabelecendo diálogos entre os saberes da própria vida do sujeito e suas experiências profissionais. Nesse sentido, podemos afirmar que, vivendo, é que construímos a nós mesmos e todas as nossas relações existenciais, num processo de reflexão profunda sobre a vida

Percebemos, por conseguinte, que é de grande valia a pesquisa narrativa, no campo da formação docente, e que não apenas os métodos ou teorias devem ser considerados relevantes nesse processo, mas, principalmente, as experiências biográficas do professor, enquanto ser maduro e reflexivo no ambiente da práxis que exerce.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, V. M. A. T. **Labirintos da memória: quem sou eu?** São Paulo: Editora Paulus, 2008.

CONNELLY, F. M. Y CLANDININ, D. J. Relatos de experiência e investigación narrativa. In: _____ LARROSA, Jorge (Org.). **Déjame que te cuente: ensaios sobre narrativa e educación.** Barcelona: Editorial Laertes, 1995, pp.11/59.

DOMINICÉ, P. A. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: _____ NÓVOA, A. FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: MS/DRSH/CFAP, 1988..

FRAGO, V. A. Relatos y relaciones autobiográficas de profesores e maestros. In: _____ BENITO, A. E. y DÍAZ, J. H. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada.** Valência: Tirant, 2002, pp. 135/175.



GENOVESI, G. La escuela como narratividad. In: _____ BENITO, A. E. y DÍAZ, J. H. **La memória y el deseo**: cultura de la escuela y educación deseada. Valência: Tirant, 2002, pp. 245/263.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

LANG, A. B. da S. História oral, muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: _____ MEIHY, J.C.B. **Reintroduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo, Xamã, 1996.

MATURANA, H. & VARELLA, F. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução: Humberto Mariottie Lia Diskin. 4. ed. São Paulo: Palos Athena, 2004.

NÓVOA, A. FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRSH/CFAP, 1988.

NÓVOA, A. A formação te que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: _____ NÓVOA, A. FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRSH/CFAP, 1988. p. 111-130.

PAZOS, M. S. Historias de vida y fuente oral. Los recuerdos escolares. In: _____ BENITO, A. E. y DÍAZ, J. H. **La memória y el deseo**: cultura de la escuela y educación deseada. Valência: Tirant, 2002, pp. 105/133.

PINEAU, G. A Autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: _____ NÓVOA, A. FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRSH/CFAP, 1988. pp. 63/77.

_____ Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida. In: _____ CARRÉ, P.; CASPAR, P. **Tratado das ciências e das técnicas da formação**. Trad. Pedro Seixas. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. (Coleção Horizontes pedagógicas).

SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de Si**: estágios e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.



SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In:_____ ABRAÃO, M. H. M. B. (Orgs). **Tempos, e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006a.

SOUZA, E. C; FORNARI, L. M. Memória, (auto) biografia e formação. In:_____ VEIGA, I. P. A; D'AVILA, C. (Orgs). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008b.

QUEIROZ, M. I. P de, Relatos orais: do "indivisível" ao "divisível". In:_____SIMSON, O. de M. V. (org.). **Experimentos com história de vida**. São Paulo: Vértice / Revista dos Tribunais, 1988, p. 14-43.